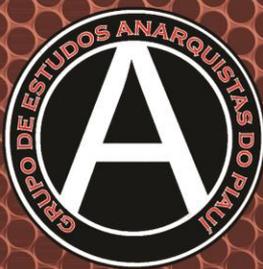


ARTE E COMUNICAÇÃO EM MOVIMENTO

**OLHARES POÉTICOS E CATEGÓRICOS
SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DO CONTRA AUMENTO
NA CIDADE DE TERESINA**



André Café - 2015

**ARTE E COMUNICAÇÃO EM MOVIMENTO: OLHARES POÉTICOS E
CATEGÓRICOS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DO CONTRA AUMENTO NA CIDADE
DE TERESINA**

PRODUÇÃO E CONSPIRAÇÃO:

ANDRÉ CAFÉ

TEXTO DE INTRODUÇÃO:

MIGUEL COUTINHO

POESIAS:

SOCIEDADE DOS POETAS POR VIR

FOTO DE CAPA:

IGOR PRADO – CONTRA O AUMENTO 2012

UMA INTRODUÇÃO EM TEOR DE LEMBRANÇA, EM TEOR DE POESIA!

*Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis eles ensinam um triste lição
De morrer pela pátria e viver sem razão*

Geraldo Vandré

Não tem como se dissociar qualquer movimento popular, qualquer manifestação ou mesmo qualquer revolução da arte, da essência poética de palavras e tintas. A arte é o tempero da revolução social que virá!

Não tem como se dissociar, também, as manifestações que ficaram marcadas no coração do povo piauiense e principalmente da juventude, que foi protagonista, daqueles nostálgicos dias, nos anos de 2011 e 2012. O #CONTRAOAUMENTO (como ficou conhecido), marcou, gerou, criou e ampliou sonhos de dias melhores neste povo historicamente heroico.

André Café traz na sua obra científica, ora narração, ora prosa, ora ‘rimação’, um marco histórico, uma lembrança, indo ainda mais fundo, traz uma fonte de inspiração em cada uma e cada um de nós que presenciou, vivenciou, apanhou, gritou e principalmente, aprendeu que estes sonhos de dias melhores devem ser construídos na rua. Com cartazes, bandeiras, pedras e *molotovs* nas mãos.

A poesia é uma arte rebelde que sai quente por nossos dedos e pode marcar sangue e suor em letras que ecoarão por milhares de anos e em milhões de corações revolucionárias e revolucionários.

Atesto então uma poesia

Escrita com sonhos traçados, dia após dia

Carregando plantações de sonhos

De quem viu um dia

Juventude na rua a gritar sonhos em poesia

Miguel Coutinho Jr., 2015

Num dia sonho, noutro dia, ainda mais poesia

ARTE E COMUNICAÇÃO EM MOVIMENTO: OLHARES POÉTICOS E CATEGÓRICOS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DO CONTRA AUMENTO NA CIDADE DE TERESINA

Arte em movimento. Um universo de difuso de identidades girando por uma pauta específica. Pessoas de diversas origens, caminhando, se organizando em diversos momentos por um único ponto de reivindicação. Expressões, olhares, gritos e suor. Um momento plural numa luta unificada. De certo houveram equívocos de ordem orgânica. Mas a realidade desta história se arrumou pra ser referência no imaginário coletivo da cidade. O passo a passo que não obedecia compasso. O parar da cidade. O clamor por uma causa. O terror de farda. A resistência por muitas vezes incólume. Fatos, fotos, vídeos, chamamentos pelas redes que nos guiam por avatares. Um escarcéu, dilúvio, caos e ordem. E eu, apenas um olhar dentre tantas e tantos, com uma profundidade média daquilo que vivenciei lado a lado desse mundo de gente. Um olhar assim, versado e solto, roto e indignado, afinado e desafinado. Um olhar do pouco do que houve e de todas as expressões e produções poéticas, no boom do movimento contra aumento de Teresina.

Este texto é uma tentativa de resgatar, do fundo das minhas impressões assimiladas na memória de médio e longo prazo, os acontecimentos que culminaram nas revoltas legítimas contra o aumento da tarifa da passagem de ônibus nos anos de 2011 e 2012. Digo além: contra um modelo retrógrado, conservador e cheio de labirintos (no sentido de publicidade na planilha de custos e processo de licitação) de transporte público urbano e rural da cidade de Teresina; contra a disparidade gritante de uma tarifa elevada a níveis impraticáveis por boa parte da população teresinense a despeito da qualidade, assiduidade, conforto, segurança e pontualidade de um serviço indispensável para mobilidade das classes trabalhadoras e estudantis em geral. Observando juntamente com os fatos, toda a preparação para organização, as reações do braço armado do Estado e a resistência e força daquelas e daqueles que foram as ruas, dos meios e jeitos construídos de se comunicar e da expressividade artística em dois momentos/espços: o 3º Sarau da Sociedade dos Poetas por vir e o Espaço Cultural Canteiro de Obras (para sempre).

É uma tentativa de relato dos fatos que pude ser testemunha. Para além dos lapsos de memória reaquecidos, busquei encontrar nos versos escritos da época, mais base para a produção do artigo. E embora me sinta mais à vontade com o texto mais liberto, também fui ao encontro de algumas fontes de metodologia de construção e análise textual que reforçarão e darão uma estrutura mais acadêmica para o escrito. Ou não. Ora científico, ora narração; ora prosa, ora 'rimação'.

Num esforço de pontuar os discursos e atos mais presentes no que pude observar, como também no que estava intrínseco (mas como invisível saltou aos olhos de todas) e para o que era

compartilhado por via das mídias hegemônicas, organizamos o conteúdo em algumas categorias estes traços mais significativos que se encontram ou se assemelham em partes, dando a possibilidade dessa organização sistêmica de conteúdo. Para tanto, a Análise de Conteúdo Categorical foi escolhida como método de análise dos fatos. Define-se análise de conteúdo como sendo um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa. Aprofundando o conceito do método, nas palavras de Hercovitz:

A análise de conteúdo é um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informação manifesta cujas palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas com o objetivo de fazer inferências lógicas sobre mensagens. (HERCOVITZ, 2005, p.125)

Partindo dessa definição, o pesquisador atenta-se ao mínimo detalhe contido na mensagem observada, percebendo interesses ou influências. Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos, expondo tendências, conflitos e interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados. (HERCOVITZ, 2005, p.127). É imprescindível que a pesquisa atenda a alguns pontos assim definidos por Krippendorff (1990, p. 35-40, apud BARROS; DUARTE, 2006, p. 287-288):

A adoção da análise de conteúdo requer do pesquisador a consideração aos seguintes marcos de referência: 1. Os dados, tais como se apresentam ao analista: os dados são elementos básicos da análise de conteúdo e constituem a superfície que o analista deve penetrar. Por isso é preciso deixar bem claro que os dados estão sendo analisados, como eles foram definidos; não é possível ignorar que um determinado discurso ocorre em função de um contexto e que algumas condições do contexto influenciam na construção do discurso (...) é necessário que o pesquisador explicita os pressupostos por ele formulados sobre a relação entre os dados e seu contexto. (...) deve-se enunciar, com clareza, a finalidade ou o objetivo das inferências. (KRIPPENDORF 1990, p. 35-40, apud BARROS; DUARTE, 2006, p. 287-288)

Com o método escolhido, as categorias presentes na análise assim se organizam:

1. Curti, comentei, compartilhei e tô na rua (rede sociais);
2. O coturno apimentado na pisada da repressão (a primeira grande repressão);
3. Fomos poucos, agora somos milhares; a resistência (a resposta à repressão);
4. Frei Serafim: o início da avenida chave das manifestações (Cidade parada);
5. Se a passagem não baixar, Teresina vai parar (Desorganizando posso desorganizar);
6. Canteiro de Obras e Sociedade dos Poetas por vir: espaços de luta (Teresina poeticamente rebelde);
7. Acabou o amor; isso aqui vai virar um inferno (a segunda grande repressão, sangue e fantasmão).

Por fim, algumas tantas perspectivas daquilo que se foi e o que será, para olvide não ser caminho, rumo as futuras movimentações de Teresina. Vamos que voamos com poesia, rebeldia e arte?

1. Curti, comentei, compartilhei e tô na rua (rede sociais);

*"Transformo, ressignifico, atormento, desassossego, preocupo, aborreço, azucrino, aflijo, te retiro da inércia, da comodidade, do aconchego da tua calma, da docilidade do dia-a-dia. Toco em você, desperto encanto, encanto o despertar, sensibilizo, te dou encontros, vivências, flores e lutas.
- Muito prazer, me chamo movimento"*

(Victor Marchel)¹

Mais uma vez, como cultura na cidade, um ambiente se preparava para um aumento da tarifa da passagem de ônibus de Teresina. Os canais de Tv e portais hegemônicos já se enchiam de relatos e posicionamentos de pessoas ligadas às empresas, sobre as dificuldades e as possibilidades de demissão em massa se não houvesse uma contrapartida para as empresas de ônibus da cidade. Falava-se na retirada de impostos cobrados pela esfera municipal e estadual, mas mesmo assim os 'uivos' pró-aumento se defendiam no argumento de que há algum tempo não havia e a tabela deveria ser atualizada.

Num tom de 'derrota', a Prefeitura também anunciava o aumento e não havia chance alguma de retorno a tarifa antiga. Tudo aos conformes do que sempre aconteceu na cidade. Não haveriam protestos ou resistências organizadas para programar atos ou outras formas de movimentação? Certamente que sim. O prognóstico do aumento, bem como outras questões sobre transporte já estava sendo discutido no fórum estadual pelo transporte público. Porém, as forças reunidas pelo fórum não se mostravam suficientes e nenhuma organização com histórico de luta conseguiu, a curto prazo, fazer um chamamento que obtivesse um retorno considerável da classe trabalhadora e estudantil, as principais usuárias do transporte público.

Esta dificuldade pode ter diversas origens e olhares de também diversas vertentes. A crise de representatividade é uma pauta trabalhada há algum tempo pelas entidades representativas no intuito de superá-las. Para Alexandre Samis (2008), especificamente sobre sindicatos, alguns pontos contribuía para o afastamento a base de sua entidade.

Outro problema, que deriva igualmente de fonte correlata, é a idéia de que "o sindicato é correia de transmissão do partido". Este primeiro executa e o segundo pensa as políticas de médio e longo prazo. Tal lógica acaba por conferir status diferenciado a quem pensa e a quem trabalha, justificando, inclusive, o afastamento de trabalhadores por longo tempo da base em tarefas de direção que, no mais das vezes, tornam-se uma porta para a burocratização. Alguns, inclusive, vinculados a partidos político, como referido anteriormente, acabam por não ter clareza entre o papel de quadro partidário e de liderança sindical.

Com as organizações que historicamente tem conclamado as classes para as manifestações, como seria articulado um chamamento para que mais pessoas pudessem se juntar à luta para barrar o aumento da tarifa? Pela lembrança, não sei ao certo quem ou como começou, mas de um dia para o

outro, foram criados eventos e compartilhadas charges chamando para o ato. Evidente que já havia um trabalho de divulgação por parte das organizações que compunham o fórum. Mas a viralizada de artes, postagens e comentários se fortaleceram a partir desse movimento “espontâneo”.

Havia uma convergência de pautas que era a construção de um ato, no Centro da cidade, para marcar o início das jornadas de resistência contra o aumento da tarifa da passagem de ônibus em Teresina. Neste fenômeno de compartilhamento e programação para ir ao ato, juntaram-se pessoas de diversas origens, em especial, estudantes. Destaca-se também a presença de punks confirmando ida ao ato e compartilhando assuntos sobre. A utilização das redes sociais como estratégia de articulação e organização se consolidava. Júnior e Rocha (2013) observaram que

Recentemente, milhões de pessoas foram às ruas no Brasil em decorrência de uma situação social degradada, tendo como estopim a luta contra o aumento das tarifas de transporte público. Nessas ações coletivas, as novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) ganharam destaque no processo de mobilização de militantes, a exemplo das ferramentas YouTube, Twitter e Facebook, que foram amplamente utilizadas pelos manifestantes desses movimentos.

Com a mobilização por parte do fórum e do grande fluxo de mobilização pelas redes sociais, o primeiro ato era gerado. Caminhando pelas ruas do Centro até a Prefeitura e no período da tarde, fechando a Frei Serafim, o contra aumento encontraria lá o seu primeiro enfrentamento.

2. O coturno apimentado na pisada da repressão (a primeira grande repressão);

Hoje eu inalei uma parada ali que me deixou com os olhos vermelhinhos, vermelhinhos. Não, não é o que você está pensando. Foi o spray de pimenta - tido como arma 'não letal' - utilizado nessa segunda pela Tropa de Choque de Teresina, numa manifestação contra o aumento da passagem dos ônibus pra \$2,10. O spray de pimenta age de forma inflamatória e lacrimogênea, atingindo as mucosas dos olhos, nariz e boca, provocando irritação profunda, tosse e outros efeitos colaterais.

E olha, dissipa no ar que é uma beleza. Durante as várias intervenções da polícia sobre os manifestantes, pude ver velhinhas, crianças, mãe com recém-nascido no colo e outras pessoas que aparentemente não tinham nada a ver com o movimento, correndo para fugir do fiel amigo das Tropas de Choque. Vi também um ponto de ônibus com umas 25 pessoas apenas esperando sua condução dissipar por completo em menos de 20 segundos, devido a uma única borrifada do spray por um dos policiais. Esse mesmo ponto de ônibus que, iguais a muitos outros nessa cidade, já vi diversas vezes bem mais de 25 pessoas se apertando, se espremendo para procurar um rastro de sombra que seja. Em uma cidade, muitas vezes insuportavelmente ensolarada e calorenta, essas paradas de ônibus parecem uma piada. Mas piada mesmo, um verdadeiro deboche é o próprio sistema de ônibus: alto custo, sem integração, não cumpre a demanda. Todos os dias pessoas são oprimidas, tratadas como coisas nesses ônibus e na sua espera. Tanto desrespeito gera uma raiva.

Uma justa-raiva, digamos assim. A raiva que, de tão grande, arde. Arde!

(Raimuno Neto e Lucas Vieira)²

Chegávamos enfim a Frei Serafim. Acompanhados por um carro de som, diversas caras, diversas expressões, verbais, em cartazes, em caricaturas, caminhavam pela principal avenida da cidade. Ao fundo, carros e ônibus se aglomeravam e tentavam em vão encontrar algum espaço que

pudesse permitir sua passagem. Fazíamos uma marcha lenta, com várias paradas. O grupo não era assim tão grande, mas conseguia minimamente fechar a avenida e suas ruas laterais de acesso. Conhecidos, desconhecidos, muita gente nova, maioria estudantes. O dia já havia sido todo de caminhada pelas ruas do Centro, protesto à frente da Prefeitura, mais uma caminhada pelo centro. A disposição era a marca do primeiro dia de manifestação.

Era visível a surpresa e o despreparo das forças estatais perante o ato. Não se sabe ao certo se imaginaram que ele teria uma adesão suficiente para causar o mínimo de caos na cidade. E o caos era causado. Um caos necessário, para parar a cidade. Evidente que várias pessoas ficaram aborrecidas com o que acontecia. Mesmo não fazendo uma leitura mais profunda para se aborrecer com todos os aumentos, repressões e sanções que o Estado faz na vida de cada uma. Mas não é culpa destas pessoas que sofrem. O Estado está muito bem aparelhado e assessorado para que não consigamos ver muita coisa ‘além do mito que limita o infinito.’

De certo que resolvemos, como uma vontade mútua, desaceleramos e paramos na Frei, fechando também a possível saída da rua Área Leão. Ao passar do tempo, os carros da polícia ficavam mais e mais presentes. Pressentia-se um clima de tensão, mas a disposição de todas se colocava na frente. Manteríamos as ruas fechadas e pronto.

Não é de hoje que o Estado e seu braço armado entra em conflito com as pessoas que lutam por seu direito. Nos vemos no dilema e na compreensão de que não é interesse do Estado modificar radicalmente sociedade baseada na luta de classes para uma sociedade sem estas disparidades. O Estado é o mantenedor desses abismos. Em sua propaganda genérica, se coloca como provedor e solução dos problemas, mas articula-se muito mais para se manter como organização da ponta da hierarquia, a desenvolver saídas coletivas dos dilemas enfrentadas pela maioria esmagadora da população. Não há interesse direto em dialogar com manifestantes. Não há diálogo com a força policial. E na prática isso foi aprendido.

A tropa de choque, entre passos e os sons de cassetetes nos escudos, tentava intimidar pouco do grupo que ainda permanecia na avenida. Foi ali que recebi o primeiro golpe, na garganta. Mas engoli seco. E segurei a respiração por primeira dose apimentada que seria ‘servida’ em sequência. A resistência se mostrava firme, sofrendo com o efeito o gás. A correlação de forças era algo impossível e a polícia apenas começava. Para garantir a dispersão, o choque se armara e apontara. Pernas, pessoas, fumaça, gás, corrida para todo lado. Tiro. Um baque, mas sem dor, não fui atingido. O celular vibrava. Várias vezes, inúmeras vezes. Olhando de relance pra trás, policiais correndo para captura, fumaça e mais tiros se armando; um amigo caído no chão. O primeiro disparo fez seu alvo.

Corri ao seu encontro. Levantei-o para tirá-lo do ‘meio da confusão, andando sem direção, a fim de sobreviver.’ E conseguimos. Ele sentou no chão, levantou um pouco a calça e vira o estrago do tiro de borracha na perna. Mas a barbárie operada pelo Estado não parara. Meus olhos ainda não

estavam tão irritados. Virava pra Frei, mais correrias; olhava para o muro do Colégio das Irmãs, levado pelo som, e me espantara: o som era do coturno cravando pisadas no celular de uma mulher que nem na manifestação estava, que nem foto tirava; teve a infelicidade de passar falando ao telefone no momento do tumulto. E mais e mais celulares na parede. Lembrei que o meu clamava atenção. Várias chamadas. Era alguns camaradas preocupados em saber se estava tudo bem, se eu havia sido pego. Fim da ligação, mais uma vez voltei para a Frei. Muita gente recolhida para o camburão, muita correria. Ato esfacelado pelo braço armado do Estado.

3. Fomos poucos, agora somos milhares; a resistência (a resposta à repressão)

*Galera já levou tapa,
De vagabunda foi xingada
Mas galera não rouba, nem mata.
Galera furta,
FURTA-COR!*

*Quem é galera, galerou,
A briga comprou, galerou,
A cidade parou, galerou,
Galerou, galerou!
quem é galera, galerou.*

-#ContraoAumento.

Laelia Carvalhedo³

Com a experiência dum primeiro dia sofrido, juntava forças para continuidade. Sabia que a repressão continuaria. Sabia que a estaríamos numa situação inferior na correlação de forças. Da noite pro dia os relatos e cenas do que houve foram compartilhados. Muita gente se indignou. A mídia hegemônica, numa tentativa de tutelar os meios e jeitos de se manifestar procurava líderes do movimento.

Oras, mas como haver liderança num movimento autônomo e sem um recorte ideológico definido para todo grupo que ali estava na Frei? O que existia ali eram pessoas de diversas procedências que lutavam por uma pauta única, que afeta a todas. Mas a mídia grande pouco se importa com isso né? Fica bem mais fácil a construção do estereótipo de movimento, a elaboração do que pode e não pode numa manifestação, a busca por lideranças que entrem e permitam a construção desse consenso. Sobre a construção de estereótipo, Lima (1997, p.9) nos ensina que,

No entanto, se os dados a recordar não foram codificados recentemente, a informação inconsistente com o esquema é frequentemente esquecida ou distorcida (...) e o esquema substitui lapsos de memória por bons palpites como se fossem originais. Tais enviesamentos, maiores e mais freqüentes em indivíduos que apresentam alto grau de estereotipia, e que deturpam sistematicamente a realidade, invalidam a maior parte das tentativas de superação de estereótipos.

Bem verdade que a violência policial foi retratada. Também pudera. O ataque da polícia ocorrera ao mesmo tempo que uma entrevista era gravada e toda equipe de uma das Tv's da cidade também saboreou um pouco do ar apimentado do fim de tarde teresinense. Pelo lado das autoridades, parecia que a repressão do primeiro dia seria o ponto final dos atos; que todas estariam amedrontadas. E que nada mais iria impedir o aumento da tarifa, a vida sem questionamentos, o ir e vir calado em silenciamentos. Mas o tempero havia destemperado e muito a indignação de todas.

A resposta da repressão foi um número maior de manifestantes na rua, nunca visto, na memória nova da maioria dos participantes, na cidade de Teresina. O sentimento de revolta pelo aumento da tarifa juntou-se a solidariedade das primeiras pessoas que foram vítimas da repressão. Lá estavam aqueles que conseguiram se safar; aqueles que sofreram com gás de pimenta, bombas e tiros. Lá estavam todas as pessoas. E muito mais, que responderam e se colocaram para chamamento de mais e mais pessoas. Num paralelo com a compressão de ajuda mútua, Kropotkin (2009) nos ensina que,

Em resumo: nem os poderes esmagadores do Estado centralizado, nem os ensinamentos de ódio e de luta impiedosa, disfarçados de atributos de ciência, vindos de filósofos e sociólogos serviais, conseguiram eliminar o sentimento de solidariedade profundamente enraizado no coração e na mente dos seres humanos, já que ele foi alimentado por toda a evolução precedente. O resultado da evolução, desde seus estágios mais primitivos, não pode ser superado por um dos aspectos dessa mesma evolução. E a necessidade de ajuda e apoio mútuos, que nos últimos tempos se refugiou no estreito círculo da família, de vizinhos de favelas, da aldeia ou da associação secreta de trabalhadores, reafirma-se novamente, mesmo em nossa sociedade moderna, e reclama seu direito de ser, como sempre foi, o principal motor do progresso.

Não havia, na prática, uma direção, um grupo que definisse os passos. Muitas vezes isso era motivo para rachas momentâneos do manifesto, algo que sabemos não ser saudável para o alcance dos objetivos, mas que a incompreensão não era somente das ditas pessoas não organizadas. Mesmo assim, a ação em parar a cidade e provocar nós no trânsito foi cumprida com precisão.

A repressão tentou diversas vezes minar os bloqueios. Conseguia em determinados pontos, mas a quantidade e pessoas davam conta de fechar vários cruzamentos ao mesmo tempo. Nenhuma estratégia para conter as manifestações estava sendo eficaz. A mídia grande continuava com sua tentativa de tutelar as manifestações e separar o que era certo e errado, balizada por vezes pelos supostos líderes das manifestações, que sabíamos não existir liderança alguma. A Frei Serafim tornava-se o lugar das manifestações.

4. Frei Serafim: o início da avenida chave das manifestações (Cidade parada);

*Se destruimos os patrimônios
vocês tiram muito mais de nos
dignidade, direito
Querem se fazer de bonzinhos vitimas
por trás de pele de cordeiro*

*lobos famintos
a procura das presas mais fáceis
os humildes
Lutar, lutar, lutar
é só o que estamos fazendo
nos perseguem como se fossemos bandidos
Até quando? Até quando?*

Alanna Káss⁴

O asfalto quente na embocadura da ponte não era obstáculo para quem firmava com força as passadas, para quem gritava em plenos pulmões: “mãos ao alto, 2,10 é um assalto!” Uma “barroca” arte de água e tinta remodelando o escuro do asfalto com os gritos ditos pela multidão. Feito tatuagem, a palavra de ordem é mais um traço de identificação das pessoas que ali se manifestam para com a avenida. Em 2012, ônibus customizados ao fogo e as cinzas.

Não foram os primeiros atos que aconteciam na avenida Frei Serafim. A sua localização encrustada do centro para uma das vias da zona leste e sendo passagem entre as zonas Norte e Sul, dão conta dessa característica de lugar das manifestações de Teresina. Sim, fechar sistematicamente suas vias de acesso é quase que certeza criar um pequeno boom no trânsito. Ora, mas estávamos ali exatamente para questionar e gritar pra toda cidade que não aguentávamos mais os constantes aumentos de tarifa, para valores absurdos para realidade de Teresina (uma pauta mínima e de curtíssimo prazo) em contrassenso da qualidade do transporte oferecido.

A questão geográfica para manifestações, iniciou, para os grupos e gerações que caminha va m pela avenida um processo de identificação. A avenida, embora cantada em tantos versos e possuindo um passeio propício para encontros, em geral, configurava-se apenas como um local de passagem, sem nexos e ligação com as pessoas. Um não-lugar. Nas palavras de Sá (2012)

O não-lugar surge numa sociedade globalizada e é de certo modo o resultado da mobilidade dos indivíduos, dos objectos, e das ideias. Mas esta, tem características diferentes da mobilidade da cidade industrial, trata-se cada vez mais de uma dupla mobilidade: a do desenvolvimento tecnológico que permitiu “encurtar as distâncias” através dos meios de transporte (avião, metropolitano, automóvel); e a que surge com as Novas Tecnologias da Informação (NTI), que tornando-nos possível percorrer o espaço através de alguns sentidos (olhar, ouvir), nos permitem viver cada vez mais num espaço virtual sem sairmos do lugar que ocupamos. Quando entro num hipermercado, sou imediatamente “informada” sobre os produtos que estão em promoção através de folhetos, cartazes, autofalantes. E ao mesmo tempo que estou a fazer as compras, posso utilizar o telemóvel para tratar de qualquer assunto de trabalho ou pessoal, e verificar (se tiver um “bom” telemóvel) se, entretanto, terei recebido um novo e-mail. Estou constantemente em interacção com os outros e os outros comigo. Estou só, mas ao mesmo tempo em contacto com o mundo. Os “não-lugares” transformam-nos em espectadores de um lugar profundamente codificado, do qual ninguém faz verdadeiramente parte.

Evidente que o sentimento de um mero local de passagem ainda é presente, mas o marco identitário como avenida de concentração de várias lutas se firmou com todo o processo do contra o aumento. Isso é mais que observável na história pós manifestações contra o aumento da tarifa de

ônibus. Classes trabalhadoras como moto-táxis, contra aumento mais recentes, movimento SOS UESPI, movimento de famílias de periferia lutando por pautas específicas de suas localidades, parada da diversidade, dentre outras movimentações.

5. Se a passagem não baixar, Teresina vai parar (Desorganizando posso desorganizar)

*Contra a falta de discernimento
Contra o descontentamento
Da população
#contraoaumento
Contra o estouvamento
Por parte desse excremento
Que governa a nossa nação
#contraoaumento
Contra o fardamento
Contra o espancamento
Da tropa de choque sem noção
#contraoaumento
A favor do argumento
A favor do desenvolvimento
Da melhoria deste mundo cão*

Eduardo Ribeiro⁵

E Teresina parou. Teresina ficou estagnada diante de um movimento que diversas vezes demonstrou sim uma falta de organização, uma coesão, mas que pelo lado da autonomia, da ajuda mútua e momentos de solidariedade, resistiu. Não tiraremos as dores e os horrores que muitos passaram pela truculência do braço armado do Estado.

Muitas pessoas que poucas vivências de manifestações e acabaram por ser vítimas de violência policial, poderiam de certa forma guardar traumas por toda vida. (Falamos ainda do contexto temporal do contra o aumento 2011). Sabemos do sangue derramado e de toda as ações torpes e vil da polícia nas manifestações do ano seguinte.

Embora falhando em várias práticas de organização, muitas delas de costume dos agrupamentos de esquerda, que também se encontravam nos atos, alguns momentos de incompreensão, de todos os lados eram expostos. Mas criou-se uma disciplina em torno das tarefas principais (parar a cidade parando o trânsito) desde de manhã até o início da noite, foi uma das decisivas garantias da força desse movimento. Foi a garantia do retorno de preço da tarifa de ônibus.

Não problematizando por completo as questões da representatividade nos movimentos sociais, trabalhistas e estudantis, mas numa esfera pequena, a “desorganização” operou o caos objetivado, que por conseguinte tencionou o Estado a recuar de suas ações, tanto no aspecto da repressão (em determinado momento, depois de muito se articular e denunciar todos os abusos, mas também devido

à resistência), quanto na imposição do aumento da tarifa de ônibus. Permito-me a fazer uma analogia de que a resistência e em sequência, a redução da tarifa, foi, como Wayne Price (2014) afirma: “Nós, no entanto, ainda acreditamos que a emancipação da classe trabalhadora e dos oprimidos será obra da classe operária e dos oprimidos”. Nenhuma organização ou pessoa poderia buscar os méritos para si desta pauta alcançada. O resultado foi quase que totalmente conquistado por obra das pessoas que ali estavam, das pessoas que somos usuárias do transporte e portanto, alvo das constantes especulações e interesses escusos do capital.

Reluto em falar em vitória. Não por desconsiderar que de fato, houve uma conquista. Mas sabemos que ainda há o que se caminhar para tal intento. Também compreendo que faltou para nós, organizadas, compreender mais profundamente este momento ímpar e construir uma continuidade de reivindicações e pautas, que conseguisse dialogar com os anseios ali inseridos, de uma forma de participação direta, sem recorte ideológico, com uma mínima burocracia, para que alcançássemos os objetivos de médio e longo prazo, que penso, sem soberba de direcionar e definir os objetivos, mas que girariam em torno do passe livre e da autogestão popular do transporte da cidade Teresina. Nas palavras de Wayne Price (2014),

A vantagem deste projeto é que ele diz à minoria revolucionária que não culpe os trabalhadores para o fracasso da revolução. Isto não nega que a consciência revolucionária da maioria dos trabalhadores é um problema. Mas lamentar-se do “atraso” da maioria é tão incoerente quanto idealizar os trabalhadores. A decadência do capitalismo levará repetidamente a classe trabalhadora a se rebelar. A tarefa da minoria revolucionária é desenvolver sua própria teoria, análise, estratégia, tática e prática

Caberia (mas ainda cabe) a nós, provocarmos incessantemente estes espaços participativos de debate e por conseguinte, ações para que mais pessoas dialoguem com um plano estratégico que vislumbre não somente as pautas mais imediatas, mas que compreenda que as mudanças que realmente nos transportaram deste lugar, para um futuro desejado, passam pelo processo de organização e planejamento para alcance das pautas de médio a longo prazo.

6. Canteiro de Obras e Sociedade dos Poetas por vir: espaços de luta (Teresina poeticamente rebelde);

*Por mais que aperte em plenitude
a nossa voz, jamais se cala
que nos apague em comum vala
por nada muda a atitude*

*Musa sim esse terror
de encontro às armas apontadas
acaba agora esse horror
de vidas zil, despedaçadas*

*Numa ciranda crua e forte
circular e horizontal*

*juntos, amigos ao norte
da quimera pura e fatal*

*Com ternura e altivez
grudando flor em toda parte
rompendo os muros de vez
em poesia, rebeldia e arte*

(André Café)⁶

O ano de 2011 teve o contra o aumento como uma das referências de luta em nossa cidade. Mas também não foi a única luta organizada da época. Bem verdade que a luta nunca para, nunca cessa enquanto não alcançarmos uma sociedade libertária. Uma outra grande luta foi a da campanha/movimento SOSUESPI. Muitas mobilizações das estudantes e servidores da Universidade Estadual do Piauí, escancararam a situação caótica em que se encontrava a IES por todas as unidades do estado. As lutas ganhavam as avenidas de Teresina. Convergiam no sentido da participação de muitas pessoas em ambas mobilizações. Convergiam pro entendimento de parar a cidade, de chamar a atenção e chamar pra fazer o movimento todas as pessoas. Dentre tantas, assemelhavam-se no olhar poético; do fazer poesia e do usar a poesia como instrumento de luta.

Destas convergências, semelhanças e diferenças, foi construído o 3º Sarau da Sociedade dos Poetas por vir (SPPV). Muitos eram estudantes da UESPI, usuários de transporte público. E alguns faziam parte do coletivo ativista poético supracitado. Estas movimentações urravam, pediam também por um grito de firmamento pelas vias da arte. A produção poética era o elo dentre aquelas que faziam parte da SPPV. Como também o era a luta.

O coletivo basicamente era formado por militantes do movimento estudantil. A fluência fora facilitada por tanto. Pensado anteriormente com uma outra temática mais específica, de cunho artístico, o sarau foi reformulado para abarcar e fortalecer esse sentimento de manifestar-se; das e dos teresinenses firmarem de uma vez por toda esta característica forte de se organizar, se rebelar contra o que é exposto; nas ruas, nas praças, muros; pelo canto, pelo verso, pelo pixo, pelo tato. Fazia-se necessário a voz da produção e expressão artística, andar conjuntamente com tudo o que acontecia na cidade. Segundo Razler, “A arte é considerada como experiência e não como um dom ou coisa que surge naturalmente. Cada indivíduo é um artista criador em potencial. Rejeita-se a arte de museu e as salas de concerto em prol de uma “arte de situação”, que dialoga com o momento político existente e se posiciona diante dele.”

E assim foi feito. Com a temática Teresina Poeticamente Rebelde, em alusão ao jargão utilizado da SPPV, poesia, rebeldia e arte, muitas que construíram e estavam nos espaços da manifestação se fizeram presentes e colaboraram, com falas, recitais, canto, presença na atividade. Sarau esse que problematizou, na sua mística de abertura, a tentativa das forças armadas do Estado

em calar quaisquer manifestações e enfatizou a importância de trazermos quantas pessoas possíveis para a luta. A analogia fora feita por pessoas amarradas que imediatamente soltas, permutavam um pouco de tinta, simbolizando a solidariedade e ajuda mútua e a troca de vivências entre cada uma. O sarau teve a finalidade de fortalecer os movimentos que agitavam Teresina.

Saltando do contexto vivenciado em 2011 e pegando a realidade durante e imediatamente pós contra aumento, outro espaço/momento que também serviu para debates e problematizações, e que se utilizava de elementos artísticos para tanto foi o Espaço Cultural Canteiro de Obras (CO). Mantido até o ano de 2013 por Kilito Trindade e família, o CO era um multi espaço cultural, onde rolavam shows, saraus, exposições de foto, vídeo e lp's, onde o próprio espaço era uma obra de arte inconstante.

O Canteiro de Obras também cumpriu o papel de dialogar com a conjuntura política para construir alguns dos espaços de expressão artística. Na verdade, durante a sua existência, ele sempre foi um espaço ligado com estas questões. Especificamente em relação ao contra o aumento, ele foi um os raros espaços que permitiu às pessoas violentadas e presas durante a manifestação, debater, dialogar sobre os ocorridos. Oportunidade essa que infelizmente foi interrompida por ação policial. Mesmo assim, o CO se disponibilizou como espaço para, não só estas pessoas, mas tantas outras, seja pelo microfone, seja na apresentação de fotos e vídeos que denunciassem toda a horda de abusos e violências ocorridas nos protestos, a socializar e problematizar diversas questões do contra aumento, alinhando mais uma vez a arte ao movimento.

7. Acabou o amor; isso aqui vai virar um inferno (a segunda grande repressão, sangue e fantasmão)

Queria dormir, meu corpo pede descanso, depois de tantos dias de caminhada, de sol, de fome e sede. Mas minha mente não deixa. Imagens de mulheres sendo arrastadas pelos cabelos como animais, idosos agredidos, jovens pisoteados e minha própria imagem borrada dos acontecimentos, não me permitem dormir.

Minha amiga acabou de dizer que não vai para o trabalho amanhã, porque não aguenta ver tudo isso que aconteceu hoje e ficar em casa sentada.

Queria que esse sentimento se espalhasse como rastilho de pólvora, ou como o spray de pimenta que jogam todos os dias na gente, em toda a população teresinense.

A forma arbitrária e brutal de como a PM agiu hoje, me deixa de tal forma enojada que até eu me sinto suja. A PM jogando spray e soltando bombas nas pessoas que estavam no Bom Preço, pais de família e trabalhador@s que estavam apoiando o movimento. Meu amigo chega e me diz que um senhor (vendedor de picolé) disse para a polícia que eles não podiam agir daquela forma, que era errado. Não foi preciso mais do que isso pra um deles dizer: "Ah, posso não!? Pois leva logo esse aqui também!".

O estopim de lágrimas veio quando me disseram que uma jovem, atingida no olho por uma bala de borracha, podia ficar cega.

É isso que chamamos de democracia?! Não foi isso que aprendi inocentemente na escola. A mídia cada vez mais tenta colocar a população contra os manifestantes.

Élmano Ferrer, então prefeito em 2011, saía derrotado na principal pauta de luta na queda de braços com as manifestações. E foi uma derrota de doer; ele tinha o braço armado do estado (e não cansou de usá-lo) tinha a mídia grande ao seu favor, com o discurso de manifestação pacífica, esse é manifestante e esse outro é vândalo; tinha, como sempre, os empresários de transporte. E mesmo com um nível pequeno de organização, a força da resistência foi maior. Sabemos também que a imagem de um político partidário que busca um processo eleitoral (no caso, reeleição) pode ter sido um fator que determinasse uma primeira abordagem branda (embora ‘quem bate esquece quem apanha’ e muita gente apanhou para se conseguir a redução dos vinte centavos).

De certo que as experiências em lidar com as manifestações de 2011 não foram em vão para o Estado. Eles observaram atentamente suas falhas. Falhas essas que não podiam se repetir. A repressão tem que vir com força, mas tem que buscar caminhos mais rápidos e eficazes para tanto.

O que fazer? Certamente não tenho as respostas para o que foi decidido pelo lado estatal. Mas vimos outras formas de repressão no ano de 2012. Portanto, faço suposições sobre o que se armou para acabar na prisão de várias pessoas num dos episódios mais tristes e revoltantes das movimentações populares de Teresina.

O prefeito, na calada de um ano para o outro, aumenta novamente a passagem, com a justificativa da implementação de alguns encaminhamentos do plano diretor de mobilidade urbana de Teresina. Inicia-se o processo de integração do sistema de transporte público. Uma das primeiras ações é instalação de câmeras por toda Frei Serafim, na justificativa de que elas serviriam pra reconhecer veículos e ou motoristas que utilizassem a faixa exclusiva para os ônibus. Ora, se a câmera tem a tecnologia de reconhecer um motorista, por que não um manifestante? Ou todos?

Sabemos que as redes sociais mais uma vez serviram de mote para um chamamento intenso para os atos e que o fórum estadual pelo transporte público, mais suas entidades proponentes, estavam mais inseridas nesse processo das redes. Infiro, sem os elementos suficientes, sobre a possibilidade de pessoas infiltradas tanto nestes espaços virtuais, quanto durante as manifestações. Isso seria o primeiro mote para uma outra perspectiva no desvio do trânsito por parte da polícia e STRANS, que se mostraram mais articulados nesse intento.

A nós, caberia a força da resistência característica do ano de 2011. E assim foi pelos primeiros dias de atividades. Esperávamos, novamente, as forças repressoras. Mas acredito que não com o contingente apresentado. Essa atitude do Estado demonstra de uma vez por toda que não há o que se dialogar com manifestantes. A política dura é de detectar, mobilizar e destruir. E assim foi feito. A Frei Serafim foi palco de sangue, das mais ardilosas e inescrupulosas covardias. Violência gratuita, violência contra mulheres, agressão pra todo canto, feridos, cegos, presos. O Estado mostrava que

aprendera com os atos do ano passado e não estava nem um pouco preocupado com as consequências dos atos. Oras, a opinião pública é construída pela mídia grande, que mantém relações com o Estado. Como não utilizá-la ao seu favor? Ponderações foram feitas, excessos foram denunciados, mas pouco se pode fazer. Depois do pico de repressão do Estado, muito se foi problematizado. As manifestações continuariam? A corrida também se dava no espectro jurídico, para garantir a soltura daquelas que foram presas arbitrariamente.

Em outro ato, um grupo que rotineiramente fora encastelado pela mídia grande como liderança das manifestações (que não tiveram liderança alguma) costura um acordo com a prefeitura. Como se fossem coronéis do sertão e seus tratados. Outro duro golpe para o contra aumento. O enfraquecimento, diante dessas ações parecia inevitável. E acabou sendo.

Longe de ser considerações finais, tem muito aí para desenrolar

O contra o aumento foi sim o marco no histórico das movimentações populares de Teresina. Não pela repercussão nacional, mas muito por mexer com o imaginário coletivo das pessoas da cidade; por ter sido um primeiro contato com manifestos, grupos organizados e as ações repressoras do Estado. Objetivamente, quando olhamos para 2011 e vemos a pauta principal ser alcançada, pensamos: o que está errado nestas últimas articulações?

Sim, a crise de representatividade nos afeta e muito. Mas há opções de se construir espaços realmente plurais, que não visem o embate ideológico inicialmente (nem o debate por puro debate). Os princípios de organização e movimentações de esquerda são praticamente os mesmos para tantas vertentes e não são difíceis de enxergar. As ações do Estado, embora se reinventem a partir das nossas táticas, não mudam seu foco. O Estado não muda o seu foco. Espaços como a mídia grande e mesa de decisões não trarão para as classes oprimidas uma realidade completamente transformada, horizontal, circular e igual.

Avaliar nossas ações com autocrítica e focar em espaços e encaminhamentos que prezem pela participação direta das pessoas é um desafio. Não maior do que ser resistência contra a sorte de forças opressoras representadas pelo Estado e capital. As lições estão na história para nos balizarmos. Teresina tem e é sim uma cidade poeticamente rebelde. Que as expressões voltem a causar e a gritar, que se fale pelas paredes e pelo vento. Que a poesia possa girar pelo redemoinho explodido de mudanças, versos e cantos. Que se alie o quanto necessário for a arte ao movimento. E que esse movimento gere, nos caminhos que surgirem, as flores e lutas, tantos contra aumentos necessários para saltarmos desta realidade para o futuro desejado.

REFERÊNCIAS

BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006

HERSCOVITZ, Heloiza G.. **Análise de Conteúdo em Jornalismo**. In: Márcia Benetti Machado;Claudia Lago. (Org.). **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo**. Porto Alegre: desconhecido, 2005, v.p.

JUNIOR, Gentil Cutrim Serra. ROCHA, Lourdes de Maria Leitão Nunes. A internet e os novos processos de articulação dos movimentos sociais.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v16n2/06.pdf>

KROPOTKIN, Piotr. A ajuda mútua: Um fator de evolução.
Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/160386/Kropotkin-Ajuda-Mutua.pdf>

LIMA, Maria Manuel, Considerações em Torno do Conceito de Estereótipo: Uma Dupla Abordagem, *Revista da Universidade de Aveiro - Letras*, Publicação do Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 1997, pp. 169-181.

MARTINS. Gabriel Otoni Calhau, MORAES. José Damiro de. Anarquismo e Estética: Apontamentos históricos e conceituais em educação integral.
Disponível em:
http://www.xiijornadahistedbr.com.br/anais/artigos/4/artigo_eixo4_359_1410818690.pdf

PRYCE, Wayne. O que é o Anarquismo de luta de classes?
Disponível em:
<https://we.riseup.net/assets/213001/Wayne%20Price%20O%20que%20%C3%A9%20o%20Anarquismo%20de%20Luta%20de%20Classes.pdf>

SAMIS, Alexandre. Sindicalismo e Movimentos Sociais.
Disponível em: <https://anarquismorj.wordpress.com/sindicalismo-mov-sociais-alexandre-samis/>

SÁ, Teresa. Cidade contemporânea e Não-Lugares.
Disponível em: http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0173_ed.pdf

NOTAS:

1. Poema 'Muito Prazer' de Victor Marchel
<http://sociedadedospoetasporvir.blogspot.com.br/2010/12/muito-prazer.html>
2. Poema 'Hoje eu inalei uma parada ...' de Lucas Vieira e Raimundo Neto
<http://sociedadedospoetasporvir.blogspot.com.br/2011/08/hoje-eu-inalei-uma-parada.html>
3. Poema 'Galerou' de Laelia Carvalheda
<http://sociedadedospoetasporvir.blogspot.com.br/2012/01/galerou.html>
4. Poema 'Contra o aumento' de Allana Káss
<http://sociedadedospoetasporvir.blogspot.com.br/2012/01/contra-o-aumento.html>
5. Poema '#contraoaumento' de Eduardo Ribeiro
<http://sociedadedospoetasporvir.blogspot.com.br/2011/08/contraoaumento.html>
6. Poema 'Teresina poeticamente rebelde' de André Café
<http://sociedadedospoetasporvir.blogspot.com/2011/10/teresina-poeticamente-rebelde.html>

7. Poema '#Contra o Aumento Teresina' de Dalila Cristina
<http://sociedadepoetasporvir.blogspot.com.br/search/label/%23ContraOaumentoTeresina>

